A APROXIMAÇÃO ANTISEMITA DE BARROSO E CASCUDO

Uma análise historiográfica sobre Jacob Rabbi

Douglas André Gonçalves Cavalheiro
Graduando em História/ Bolsista PIBIC/DEHIS/UFRN
Professor Orientador: Dr. Renato Amado Peixoto
DEHIS/UFRN

Resumo

Durante a década de 30, Cascudo ingressou na Ação Integralista Brasileira (AIB), organização de conservadorismo tradicionalista cuja finalidade era preservar a unidade nacional diante da ameaça do comunismo. Tomando por base o conceito de 'Fascismo Clerical', apresentado por Peixoto (2015), é possível observar uma influência do antissemitismo de Gustavo Barroso nos escritos da fase integralista de Cascudo (1933-1937), a partir das mudanças de interpretações sobre a figura de Jacob Rabbi.

Palavras-chave: Integralismo, Catolicismo, Fascismo Clerical, Antissemitismo.

Abstract

During the 30s, Luís da Câmara Cascudo joined to the Ação Integralista Brasileira (AIB), traditionalist conservatism organization which purpose was to preserve the national unity before the threat of communism. Based on the concept of 'Clerical Fascism', presented by Peixoto (2015), it is possible to demonstrate the influence of Gustavo Barroso's antisemitism in the writings of the Cascudo's integralist phase (1933-1937), from changes in the interpretations about Jacob Rabbi.

Keywords: Integralism, Catolicism, Clerical Fascism, Antisemitism.

Introdução

O intelectual católico Luís da Câmara Cascudo, pertencente a Congregação Mariana de Moços, ingressou nas fileiras da Ação Integralista Brasileira em 14 de julho de 1933 por convite de Gustavo Barroso. Partindo do conceito de Fascismo Clerical é possível explicar a aproximação entre intelectuais católicos em movimentos políticos fascistas. Segundo Peixoto (2015) o termo não é uma maneira de detectar quais membros laicos e de instituições

religiosas integrassem num movimento fascista, mas demonstrar a tentativa, realizada por esses membros religiosos, de harmonizar a religião em direção ao movimento político. No caso de Cascudo, e dos seus escritos da década de 1930, haveria uma tentativa em conciliação entre o catolicismo e a perspectiva antissemita da facção liderado por Gustavo Barroso no movimento integralista. "Correspondente de Barroso desde a década de 1920, sabemos que Cascudo acompanhou o percurso intelectual e político do cearense, dividindo suas preocupações com o judaísmo e com o Levante Comunista no Rio Grande do Norte." (PEIXOTO, 2015, p. 17).

As Duas Faces de Jacob Rabbi

A partir de duas obras de Cascudo escritas durante a sua fase integralista, 'A Casa de Cunhaú'[1] (1934) e o 'Brasão Holandês do Rio Grande do Norte' (1936), é possível observar a sua aproximação com Barroso através das diferentes interpretações da figura de Jacob Rabbi na ocasião dos massacres de Cunhaú e Uruaçu. Em 'A Casa de Cunhaú', Cascudo é inicialmente descritivo, apresenta Rabbi como um judeu[2] conselheiro dos tapuias Janduís. Depois Cascudo detalha acerca da organização de Rabbi para atacar a capela de Cunhaú. Por fim, a última menção é apenas de caráter informativo sobre a morte de Rabbi. Em toda narrativa nenhum adjetivo é atribuído para intensificar os detalhes das execuções de Rabbi. Outro elemento importante são as descrições sobre a organização do massacre. Cascudo aponta que houve um dos diretores responsáveis pela administração teria deliberado a ordem para realizar o massacre, tendo Jacob Rabbi o destacamento operacional para realização prática dos planejamentos para Cunhaú. "O judeu Jacob Rabbi, conselheiro dos tapuias Janduís, recebeu ordens para operar o massacre. O ponto escolhido foi Cunhaú. O diretor

---

[1] Sobre a datação da época em que 'A Casa de Cunhaú' foi escrito, o prefaciador, Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão afirma que, "provavelmente, o livro A Casa de Cunhaú começou a ser escrito nesse fevereiro de 1934, e, terminou ao menos em sua maior parte, em 28-3-1934, data constante ao final do capítulo 5. (CASCUDO, 2008, p.15). Cascudo que teria ouvido relatos do último senhor de Cunhaú. A localidade do engenho de Cunhaú foi marcou o início do processo colonizador na região do Rio Grande do Norte. A Casa de Cunhaú tem seu índice publicando por completo n'A República, em 17 de janeiro de 1935, no número 1221. Contudo, o livro não chegou a ser publicado na época.

[2] Segundo Peixoto (2014), Jacob Rabbi é referido como judeu pela primeira vez na *História Geral do Brasil* de Rocha Pombo em 1905. "A partir daí essa designação seria consagrada em outras obras, como na de Alfredo de Carvalho "Um intérprete dos Tapuias", de 1909 e na *História do Brasil* de Raphael Maria Galanti, de 1911". (PEIXOTO, 2014, p. 51-52).

Joan van Bullestralen vem a Natal dar instruções e detalhes. Jacob Rabbi parte com a manada cariri." (CASCUDO, 2008, p. 47).

Todavia, no opúsculo, 'O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte' (1936), Cascudo apresenta uma perspectiva distinta, dedica um tópico exclusivo para abordar sobre a figura de Jacob Rabbi. Descrevendo-o com adjetivos pejorativos, Cascudo reinterpreta os fatos, imputando para Jacob Rabbi a total responsabilidade pelos massacres de Cunhaú e Uruaçu. "O judeu Jacob Rabbi é uma figura hedionda (...) sem escrúpulos, malvado, ladrão, saqueador, intrigante, covarde. (...) Jacob Rabbi foi o cérebro das matanças de Cunhaú a 16 de julho e de Uruassú a 3 de outubro de 1645". (CASCUDO, 1936, p. 36).

Cascudo não menciona em nenhum momento a deliberação de ordens por parte da diretoria administrativa de Joan van Bullestralen, e dessa maneira, imputa a responsabilidade de toda tragédia de Cunhaú para Jacob Rabbi. É possível pensar que essa interpretação adotada por Cascudo é decorrente de sua aproximação com Gustavo Barroso e sua integração na facção liderada por este. No ano em que Cascudo escreve o ensaio, em 1936, Barroso publica 'História Secreta do Brasil', tendo a finalidade de construir uma narrativa histórica do Brasil à luz da perspectiva de um complô judaico internacional[3]. Barroso descreve Jacob Rabbi como um monstro sádico, exemplo seguido por Cascudo, e descreve que Joris Garstman, mandante do assassinato Jacob Rabbi, foi preso e enviado de volta para Holanda. Barroso elogia tal feito de Garstman afirmando que "Deus lhe tenha em conta o grande serviço que prestou aos brasileiros!" (BARROSO, 1990, p. 78).

Cascudo segue da mesma maneira que os escritos de Barroso[4], apontando o oficial Garstman, que tinha casado com uma portuguesa e era responsável pelo engenho de Cunhaú, como mandate do assassinato de Jacob Rabbi devido à morte do seu cunhado no massacre. Esses relatos de Cascudo buscavam uma harmonia com o catolicismo, tendo em vista que se procurava tratá-lo como perseguição religiosa movida pelos protestantes e, será a partir desses

---

3 Gustavo Barroso traduziu os Protocolos dos Sábios de Sião para o português. Estes eram escritos forjados pelo serviço secreto russo no final do o século XIX, no qual supostamente se expunham as etapas dos planejamentos dos judeus para realizar um plano para dominação mundial. O livro foi utilizado pelo governo imperial russo para justificar suas atitudes de repressão contra os judeus (pogroms).

4 Peixoto afirma que a perspectiva reacionária de Gustavo Barroso no livro 'A História Secreta do Brasil' unifica o antissemitismo e o anticomunismo. Assim, "A História Secreta do Brasil, apontando Jacob Rabbi e os acontecimentos de Uruaçu, Gustavo Barroso explica a atuação de Nassau a partir de sua associação com os capitalistas judeus e compara as atrocidades de Jacob Rabbi às da 'Tcheka judaico-comunista' e às de Bela Kun, líder da revolução comunista na Hungria, completando, por conseguinte, a ligação, já iniciada nas obras anteriores, entre Revolução Francesa, a Maçonaria, os Judeus e os Comunistas." (PEIXOTO, 2014, p.53).

eventos relatados em ‘Os Holandeses no Rio Grande’ do Monsenhor Paulo Herôncio de Melo, que será justificada a canonização dos mártires Cunhaú e Uruaçu.

Conclusão

Dessa maneira, a partir da interpretação de Jacob Rabbi é possível entender a aproximação das perspectivas de Cascudo e Barroso. Ambos apresentam Rabbi como um bode expiatório, causador e único responsável pelos massacres em Cunhaú e Uruaçu ocorridos no domínio holandês no Rio Grande do Norte. Essa perspectiva de ambos, marcada pelo antissemitismo, procurava sustentar uma harmonia entre a doutrina do catolicismo e o integralismo, num viés muito próximo das interpretações antissemitas mais extremadas do radicalismo da extrema-direita europeia e que pode ser explicada por meio do conceito de ‘Fascismo Clerical’ (PEIXOTO, 2015).

Referências

BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. v.1, 1ª Reedição. Porto Alegre: Revisão, 1990.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Casa de Cunhaú: história e genealogia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

_________. O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v. XXXV-XXXVII, 1938-1940. Natal: Typ. Santo Antônio, 1941, p. 81-97.

PEIXOTO, Renato Amado. ‘Creio no espírito Cristão e Nacionalista do Sigma’: Integralismo e Catolicismo nos Escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. In: RODRIGUES, Cândido M; ZANOTTO, Gizele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. (Org,), **Manifestações do pensamento católico da América do Sul**. 1ª ed, São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 99-126.

_________. Duas Palavras. **Revista da História Regional**. Ponta Grossa, v. 19, n. 2, p. 35-57, 2014. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr>.